



VINCENT

ESTUDO NO VOCABULÁRIO
GREGO DO NOVO TESTAMENTO



VOLUME
I

MATEUS

INTRODUÇÃO

Sabemos muito pouco acerca da pessoa de Mateus. Ele era filho de Alfeu, irmão de Tiago, o Pequeno, e possivelmente de Tomé Dídimo. Os únicos fatos que os evangelhos registram a respeito dele são o chamado e a festa de despedida. Ele havia sido um publicano, ou cobrador de impostos, a serviço do governo romano; um ofício desprezado pelos judeus em função das extorsões que normalmente eram cometidas por tais funcionários, e porque se tratava de um sinal irritante de sujeição a um poder estrangeiro. Ao ser chamado por Cristo, Mateus abdicou imediatamente à sua função e ao seu antigo nome de Levi. Os registros da tradição ao seu respeito dão conta de que ele teria levado uma vida ascética, à base de ervas e água. Existe uma lenda segundo a qual, depois da dispersão dos apóstolos, ele teria viajado ao Egito e à Etiópia para proclamar o Evangelho; que teria ficado ocupado na capital da Etiópia, na casa do eunuco batizado por Filipe, e que também teria superado dois mágicos que estavam afligindo o povo com doenças. Relatos posteriores informariam que ele teria ressuscitado o filho do rei do Egito dentre os mortos, curado a sua filha Efigênia de lepra e a elevado à liderança de uma comunidade de virgens dedicadas ao serviço de Deus; e que um rei pagão, na sua tentativa de removê-la da sua clausura, fora acometido de lepra, e o seu palácio destruído por um incêndio.

Segundo a lenda grega, Mateus teria morrido em paz; entretanto, segundo a tradição da Igreja Ocidental, ele teria sofrido martírio. Jameson afirma:

Poucas igrejas são dedicadas a São Mateus, ao que me consta ele não é patrono de nenhum país, comércio, ou profissão, exceção feita aos cobradores de impostos ou funcionários da receita; e esta, talvez, seja a razão pela qual, salvo quando ele é represen-

tado entre as séries de autores de evangelhos, ou de apóstolos, Mateus, normalmente, é retratado de forma solitária, ou em figuras devocionais. Quando ele é retratado como um evangelista, ele está segurando um livro, ou uma pena de escrita; e o anjo, seu ajudante fiel, está ao seu lado, ora apontando para os céus, ora ditando palavras, ora segurando o tinteiro, ora servindo de apoio para o livro. Na sua caracterização como apóstolo, São Mateus normalmente está segurando uma bolsa, ou um saco para carregar dinheiro, como lembrete significativo da sua antiga vocação¹.

Mateus escreveu, provavelmente na Palestina e, evidentemente, para os cristãos judeus. Existem dos pontos de vista acerca da língua na qual o seu evangelho teria, originalmente, sido redigido: (1) ele teria escrito em hebraico ou siro-caldeu, o dialeto falado na Palestina pelos cristãos judeus; (2) Ele teria sido escrito em grego. A primeira teoria é apoiada pelo testemunho unânime da igreja primitiva; e os pais eclesiásticos que afirmam isto, também declaram que a sua obra foi traduzida para o grego. Nesse caso, a tradução, muito provavelmente, não teria sido feita pelo próprio Mateus, nem sob a sua supervisão. A tendência do academicismo moderno, entretanto, é a favor de um original grego. Uma grande incerteza paira acerca da época da sua composição. Segundo o testemunho dos pais eclesiásticos mais antigos, o Evangelho de Mateus é o primeiro em ordem, apesar de as evidências internas favorecerem a prioridade de Marcos. Evidentemente, ele foi escrito antes da destruição de Jerusalém (ano 70 d.C.). Segundo Farrar:

Caso este acontecimento tivesse antecedido a composição dos evangelhos sinópticos e das epístolas paulinas, nada é mais seguro do que uma menção direta deste fato nestes documentos, além de que este episódio – caso fosse anterior –, teria exercido uma influência imensa nos pensamentos e nos sentimentos dos apóstolos e evangelistas. Nenhum escritor que tratasse dos temas, dos argumentos e das profecias com os quais estão constantemente ocupados, poderia, talvez, deixado de apelar para a tremenda sanção que foi dada a todos os seus pontos de vista por parte do próprio Deus que, daquela forma, manifestava a sua providência na história humana e revelava todas as coisas por intermédio da tranquila luz das inevitáveis circunstâncias².

O objetivo de Mateus era apresentar o Evangelho como o cumprimento da Lei e das Profecias, fazer a ligação entre passado e presente, mostrar que Jesus era o Messias dos judeus, e que no Antigo Testamento o Novo era prefigurado, assim como no Novo Testamento o Antigo era revelado. Por isso, o seu evangelho tem um sabor mais definidamente judaico do que os demais sinópticos. O sentimento da nacionalidade judaica aparece no registro das palavras de Cristo a respeito das

1. Jameson, *Sacred and Legendary Art*.

2. Farrar, *Messages of the Books*.

“às ovelhas perdidas da casa de Israel” (15.24); no mandamento para que os discípulos não tomassem o caminho dos gentios, nem entrassem nas cidades dos samaritanos (10.5); na profecia de que os apóstolos estariam assentados como juízes na “regeneração” (19.28). Além disso, é notória a genealogia do Senhor retrocedendo somente a Abraão; a ênfase posta nas palavras da Lei (10.19; 12.33, 37); e a profecia que equipara o fim de Israel ao “fim do mundo” (24.3,22; 10.23).

Por outro lado, um caráter mais abrangente aparece na adoração do menino Jesus por parte dos magos procedentes do mundo gentílico; na profecia da pregação do Evangelho do reino para todo o mundo (24.14), e na comissão apostólica que os enviava a todas as nações (28.19); no elogio à fé de um gentio como sendo superior à dos israelitas (8.10-12; compare com a história da mulher siro-fenícia, 15.28); no uso da palavra “judeu”, como se referisse a pessoas de fora da nacionalidade judaica; nas parábolas dos trabalhadores da vinha (20.1-16), e das Bodas que comemoravam o casamento do filho de um rei (22.1-14); na ameaça de que o reino seria retirado de Israel (21.43); e no valor atribuído ao elemento moral e religioso da Lei (22.40; 23.23). A genealogia de Jesus contém os nomes gentis de Raabe, uma cananeia, e de Rute, uma moabita. Para Mateus Jesus é, simultaneamente, o Messias dos judeus, e o Salvador de toda a humanidade.

Como a sua tarefa era apresentar como a Lei e os Profetas tiveram o seu cumprimento em Cristo, é comum encontrar alusões a passagens do Antigo Testamento. As suas citações correspondem a duas classes: (1) as mencionadas por ele mesmo como tendo sido cumpridas nos acontecimentos da vida de Cristo, tais como 1.23; 2.15,18; 4.15,16; e (2) quanto as que fazem parte do discurso de seus diferentes personagens, como em 3.3; 4.4,4,7,10; 15.4,8,9. Ele apresenta a lei de Cristo, não somente como o cumprimento da lei mosaica, mas em contraste com aquela, tal como é ilustrado no Sermão do Monte. Contudo, mesmo representando a nova lei como mais suave do que a antiga, ele a descreve, ao mesmo tempo, como a mais rigorosa (*vide* 5.28,32,34,39,44). O seu evangelho tem um caráter mais austero do que o de Lucas, que tem sido, apropriadamente, classificado como “o Evangelho da universalidade e da tolerância”. Nele o elemento punitivo recebe um maior destaque. Para ele, o pecado tem, primariamente, um apelo de violação da Lei e, logo, a sua palavra para iniquidade é *ἀνομία* (*anomia*: iniquidade ou ausência de lei), que não ocorre em nenhuma outra parte dos Evangelhos. Somente ele registra o dito: “Muitos são chamados, mas poucos, escolhidos” (22.14), e, como observou argutamente o professor Abbot, a distinção entre *os chamados* (κλητοί) e *os escolhidos* (ἐκλεκτοί) se mostra a mais impressionante, já que Paulo utiliza estas duas palavras de forma praticamente indiferente, e Lucas, apesar de também registrar a parábola dos convidados indignos, não se arriscou a utilizar κλητοί com o sentido aviltante empregado por Mateus³. Para ele, igual-

3. Abbot, “Gospels”, in: *Encyclopaedia Britannica*.

mente, é peculiar o registro da declaração: “Qualquer, pois, que violar um destes menores mandamentos e assim ensinar aos homens será chamado o menor no Reino dos céus” (5.19). Continuando a citação de Abbot:

Mateus, mais do que o restante dos evangelistas, parece ter atravessado dias ruins e, em meio a uma geração desviada, em meio a cães e porcos, que eram indignos das pérolas da verdade; entre o joio semeado pelo inimigo; entre pescadores que devolveram ao mar muitos dos peixes apanhados nas redes do Evangelho. O caminho largo está sempre na sua mente, bem como a multidão daqueles que seguem por ele, o convidado inadequadamente vestido para a festa de casamento, as virgens tolas, as ovelhas e os bodes, e até pessoas que, mesmo tendo expulsado demônios em nome do Senhor foram, ainda assim, rejeitadas em função de viverem iniquamente (ou, na “ausência de lei”). Onde Lucas fala com júbilo da alegria que ocorre nos céus com o arrependimento de um único pecador, Mateus, com expressões mais sóbrias e negativas, declara não ser a vontade do Pai que nenhum destes pequeninos se perca; e como motivo para não nos distrairmos acerca do futuro, ele informa que “a cada dia basta o seu mal”. A situação dos judeus, a sua hostilidade crescente para com os cristãos, bem como o vacilo ou retrocesso de muitos convertidos judeus diante do aumento das hostilidades pouco antes e durante o cerco a Jerusalém – tudo isto pode muito bem explicar um lado do Evangelho de Mateus; e o outro lado (a condenação da “ausência de lei”) poderia ser explicado como uma referência aos judeus helenizadores, que (a exemplo de alguns dos coríntios) consideravam que a nova Lei os libertava de todo tipo de restrição e que, ao lançar mão de todo e qualquer vestígio da sua nacionalidade, desejavam também lançar mão da sua moralidade. Na perspectiva da aproximação da queda de Jerusalém, e do retrocesso de grandes porções da nação, a inserção das palavras “Livra-nos do mal” na Oração do Senhor e a profecia de que “pela multiplicação da iniquidade, o amor de muitos se esfriaria” (cf. 24.12), além de adequadas, parecerão também típicas do caráter do conjunto da obra do primeiro Evangelho⁴.

Com relação aos outros evangelhos sinópticos, Mateus contém quatorze seções completas que lhe são exclusivamente peculiares. Dentre elas estão dez parábolas: a do Joio e do Trigo; a do Tesouro Escondido; a da Pérola; a da Rede; a do Credor Incompassivo; a dos Trabalhadores da Vinha; a dos Dois Filhos; a das Bodas; a das Dez Virgens e a dos Talentos. Dois milagres: a cura de dois cegos, e o da moeda encontrada na boca de um peixe. Quatro acontecimentos da infância de Jesus: a visita dos magos; o massacre dos infantes; a fuga para o Egito; e o retorno a Nazaré. Sete incidentes ligados à Paixão e à Ressurreição: a negociação e o suicídio de Judas; o sonho da

4. Abbot, “Gospels”, in: *Encyclopaedia Britannica*.

mulher de Pilatos; a ressurreição de santos falecidos; a vigília no sepulcro; o relato do Sinédrio e o terremoto na manhã da ressurreição. Dez grandes passagens dos discursos do nosso Senhor: partes do Sermão do Monte (5-7); da revelação aos pequeninos; do convite aos cansados e oprimidos (11.25-30); das palavras ociosas ou torpes (12.36-37); da profecia a Pedro (16.17-19); da humildade e do perdão (18.15-35); da rejeição dos judeus (21.43); da grande denúncia (cap. 23); do discurso escatológico (25.31-46); da Grande Comissão e Promessa (28.18-20).

Portanto, Mateus é, proeminentemente, um Evangelho didático, sendo que um quarto do seu conteúdo é ocupado por palavras e discursos oriundos do próprio Senhor.

Mateus se caracteriza menos pelo estilo, do que pelos seus temas e arranjos. Os traços ordenados em estilo comercial, que foram reforçados pela sua vivência como cobrador de impostos, aparecem na ordenação e no agrupamento metódico dos assuntos. A sua narrativa é mais sóbria e menos gráfica do que a feita por Marcos e Lucas. O retrato da vida, do caráter, e da obra do nosso Senhor como Mestre, Salvador e Rei Messiânico é pintado de forma simples, ampla e ousada, porém sem os detalhes mínimos, tais como se pode observar abundantemente em Marcos. A sua forma de expressão e de construção de ideias é a mais hebraica de todos os sinóticos, embora não atinja o nível de hebraísmo encontrado no Evangelho de João. As seguintes peculiaridades hebraicas podem ser aqui notadas: (1) A expressão *Reino dos céus* (βασιλεία τῶν οὐρανῶν), que ocorre trinta e duas vezes e não é encontrada nos outros evangelistas, que utilizam *Reino de Deus*. (2) *Pai nos céus*, ou *Pai celestial* (ὁ πατήρ ὁ ἐν οὐρανοῖς; ὁ πατήρ ὁ οὐράνιος). Estas ocorrem quinze vezes em Mateus, somente duas em Marcos e nenhuma em Lucas, sendo que em 11.2 trata-se de uma falsa leitura. (3) *Filho de Davi*, sete vezes em Mateus, três em Marcos, e três em Lucas. (4) *A Cidade Santa* (Jerusalém), somente em Mateus. (5) *O fim do mundo*, ou *Consumação dos Séculos* (ἡ συντέλεια τοῦ αἰῶνος), em Mateus somente. (6) *Para que se cumprisse o que foi dito* (ἵνα οὕτως πληρωθῆ τὸ ῥηθέν), oito vezes em Mateus, e não registrada em nenhuma outra parte, neste formato. Esta é uma fórmula característica de Mateus. (7) *O que foi dito* (τὸ ῥηθέν), doze vezes; *foi falado* (ἐρρήθη), seis vezes; não utilizada em outra parte das Escrituras, pois em Mc 13.14 trata-se de uma falsa leitura. Mateus sempre utiliza *o que foi dito* (τὸ ῥηθέν) quando cita as Escrituras por conta própria. Em outras citações ele apresenta a forma *está escrito* (γέγραπται), como os demais evangelistas. Ele jamais utiliza o singular γραφή (que significa, propriamente, *uma passagem da Escritura*). (8) *E eis que* (καὶ ἰδοὺ), em narrativas, vinte e três vezes; em Lucas, dezesseis. (9) *Gentio* (ἔθνικός), somente em Mateus. (10) *Jurar em* (ὀμνύειν ἐν, isto é, *pelo*), treze vezes, em Mateus e Ap 10.6.

Um número de palavras condenadas pelos gramáticos como não clássicas ou como populares é empregado por Marcos, e algumas delas podem ser encontradas em Mateus, tal como *μονόφθαλμος*, *ter um olho*; *κολλυβισταί*, *cambistas/ banqueiros*; *κοράσιον*, *criada/menina*; *ῥαφίς*, *agulha*. Ele também faz uso de alguns latinismos, três, pelo menos, em comum com Marcos: *πραιτώριον*, *praetorium*; *κῆνσος*, *tributo*; *φραγελλῶ*, *flagelar/ açoitar*; bem como *κουστωδία*, *guarda*, peculiares a ele somente.

Ele frequentemente utiliza as palavras *chegar/ aproximar-se* ou *ir* (*προσέρχομαι*, *poréuw*) segundo o costume oriental, para expandir a narrativa; como vemos em *chegando-se a ele o tentador, disse* (4.3); *chegou junto dele um centurião* (8.5); *aproximando-se dele um escriba, disse* (8.19); *chegaram ao pé dele os discípulos de João, dizendo* (9.14). O primeiro destes dois verbos (*προσέρχομαι*) ocorre cinquenta e uma vezes, ao passo que em Marcos se registra somente seis ocorrências dele, e em Lucas, dez. A palavra *ὄναρ*, *um sonho*, é utilizada somente por ele no texto do Novo Testamento, e sempre na expressão *κατ' ὄναρ*, *em um sonho*. Ela ocorre seis vezes. *Τάφος*, *um sepulcro*, é também um vocábulo peculiar a Mateus; os outros evangelistas utilizaram *μνήμα* ou *μνημεῖον*, sendo que este último também ocorre em Mateus. A frase *ὁ λεγόμενος*, *que se chama*, é uma expressão predileta quando o apóstolo desejava anunciar nomes ou sobrenomes (1.16; 10.2; 26.3,14). Mateus acrescenta *do povo* junto aos vocábulos *escribas* e *anciãos* (2.4; 21.23; 26.3,47; 27.1). Ele escreve *em nome* (*εἰς τὸ ὄνομα*), onde os outros evangelistas trazem *em*, ou *sobre* (10.41,42; 18.20; 28.19). Sua partícula favorita de transição é *τότε*, *então*, que ocorre noventa vezes, contra seis em Marcos e quatorze em Lucas (2.7; 3.5; 8.26; 11.20). Há cerca de cento e vinte palavras de uso exclusivo de Mateus no texto do Novo Testamento. Dois exemplos ocorrem em um jogo de palavras: *ἀφανίζουσι φανῶσι*, eles fazem o seu rosto *desaparecer*, para que eles possam *aparecer* (cf. 6.16); *κακοὺς κακῶς*, ele destruirá *maldosamente* os lavradores *maus* (cf. 21.41).

O escritor está completamente imerso em sua narrativa. A própria falta de individualidade no seu estilo corresponde ao fato de que, à exceção do momento de seu chamado e da festa por ele patrocinada, Mateus não aparece no Evangelho que leva o seu nome, nem mesmo como alguém que faz uma pergunta. Já foi sugerido que traços da sua antiga ocupação aparecem no uso da expressão *moeda do tributo*, em vez de *ceitil*, e no registro do milagre da moeda (um estáter) que foi encontrada na boca de um peixe; entretanto, o nome “Mateus, o publicano” tem, primordialmente, a função de enfatizar a sua obscuridade. O judeu que recebia o Messias retratado pelo evangelista jamais conseguia se livrar da aversão pelo ofício ou classe que representava. Um evangelho escrito por um publicano dificilmente pareceria adaptado para alcançar justamente o povo a quem ele era dirigido.

Tenha ou não a percepção deste fato se unido para produzir esta reticência, com a humildade engendrada pela contemplação do seu Senhor, é certo que o

próprio evangelista está completamente escondido por trás da massa utilizada no quadro onde foi pintado o Messias da esperança judaica, o Salvador da humanidade, a flor definitiva da antiga Lei, a vida perfeita e o ensinamento inigualável do Filho de Davi.

TÍTULO

O Evangelho (εὐαγγέλιον). Esta expressão significa, originalmente, *um presente dado em troca de uma boa notícia*. Assim, Homero faz Ulisses dizer a Eumeu: “Seja esta *recompensa* (εὐαγγέλιον) entregue em troca destas boas novas”⁵. No grego ático ela significava (no plural) *um sacrifício por boas notícias*. Posteriormente, veio assumir o sentido único de *boas novas* – as alegres notícias do reino do Messias. Apesar de a expressão ser naturalmente utilizada como título dos livros que continham a história das boas novas, no texto do Novo Testamento em si, ela jamais é aplicada no sentido de um livro escrito, mas sempre significa *a palavra proclamada*.

Segundo (κατά). O uso deste termo difere da expressão Evangelho *de* Mateus. O Evangelho é de Deus, não de Mateus, nem de Lucas; sendo, substancialmente, um e o mesmo em todos os escritos dos evangelistas. Logo, o vocábulo “segundo”, implica um elemento genérico no Evangelho que Mateus passa adiante no seu estilo peculiar. O significado é: *as boas novas do reino, conforme entregues ou representadas por Mateus*.

Mateus (Ματθαῖον). Mateus e Levi designam a mesma pessoa (Mt 9.9; Mc 2.14; Lc 5.27). O nome Levi não aparece em nenhuma lista que apresenta os apóstolos de Jesus, Mateus, entretanto, é mencionado em todas. Os judeus marcavam mudanças decisivas nas suas vidas por meio da troca de nome (cp. com os nomes Simão e Pedro; Saulo e Paulo); de forma que fica evidente que Levi, depois do seu chamado ao apostolado, passou a se nomear Mateus. Este último é uma forma contraída do nome hebraico Mattathias e significa *presente de Deus*, que corresponde ao nome grego *Teodoro* (θεός, Deus; δῶρον, um presente). O nome Mateus desbancou de forma tão completa o antigo, Levi, que é antecipado pelo próprio evangelista, no capítulo 9 e versículo 9, onde o autor é chamado de Mateus. Marcos e Lucas, ao narrarem o chamado de Mateus, e de forma mais precisa, tratam-no, ainda, de Levi (Mc 2.14; Lc 5.27). Todavia, nas listas apresentadas dos apóstolos (Mc 3.18; Lc 6.15; At 1.13), eles o elencaram corretamente na forma de Mateus.

5. Homero, *Od.*, xiv. 152.

CAPÍTULO 1

1. Cristo (Χριστός). Este vocábulo é um adjetivo e não um substantivo, e significa *ungido* (χρίω, ungir). Trata-se de uma tradução do hebraico *māshî'h* (מָשִׁיחַ), o rei e governante espiritual da linhagem de Davi, prometido com este nome no Antigo Testamento (Sl 2.2; Dn 9.25-26). Assim, André disse a Simão: “Achamos o Messias (que, traduzido, é o Cristo)” (Jo 1.41; cp. At 4.27; 10.38; 19.28). Todavia, para nós, o vocábulo “Cristo” se transformou em um nome próprio sendo escrito sem o artigo definido. Porém, no corpo das narrativas evangélicas, a identidade de Jesus como o Messias prometido, continuava sob questão por parte do povo. O artigo é habitualmente empregado e o nome, logo, deve ser traduzido como “o Cristo”. Depois da ressurreição, quando o reconhecimento de Jesus como o Messias se generalizou, encontramos o termo já começando a ser utilizado como um nome próprio, com ou sem o artigo. Nesta passagem, o artigo é omitido em função do seu posicionamento no cabeçalho de um capítulo e por ser a expressão da fé que o próprio evangelista tinha de que Jesus era, de fato, o Messias.

A unção era aplicada aos reis (1Sm 9.16; 10.1), aos profetas (1Rs 19.16), e aos sacerdotes (Êx 29.29; 40.15; Lv 16.32), no momento da sua investidura nos cargos. “O unção do Senhor” era um título comum dado aos reis (1Sm 12.3,5; 2Sm 1.14-16). Os profetas são chamados de “Messias” (no plural) ou ungidos (1Cr 16.22; Sl 105.15). Ciro também é chamado de “ungido do Senhor”, em função de ter sido chamado ao trono para libertar os judeus do cativeiro (Is 14.1). Assim, o vocábulo “Cristo” era uma representação do nosso Senhor, que uniu em si mesmo as funções de rei, profeta e sacerdote.

É interessante notarmos como a unção guarda relação com o nosso Senhor em outras e menores particularidades. Era um ato de hospitalidade e um sinal de festividade e alegria. Jesus foi ungido por uma mulher, quando foi convidado à casa de Simão, o fariseu, e repreendeu o seu anfitrião por desprezar esta marca de respeito para consigo (Lc 7.35-46). Na epístola aos Hb 1.8-9, os vocábulos do salmo messiânico 45.7 são aplicados a Jesus: “Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria, mais do que a teus companheiros”.

A unção também era feita em pessoas enfermas (Mc 6.13; Lc 10.34; Tg 5.14). Jesus, “o Grande Médico”, é descrito por Isaías (61.1-2; cp. Lc 4.18), como *ungido* por Deus para restaurar os contritos de coração, e para dar aos tristes o *óleo da alegria*. Ele mesmo ungiu os olhos de um cego (Jo 9.6-11); e os Doze, no seu nome, “ungiam muitos enfermos com óleo, e os curavam” (Mc 6.13).

A unção ainda era feita sobre os mortos. Jesus declarou acerca da mulher que quebrou um vaso de alabastro sobre a sua cabeça em Betânia: “[Ela] antecipou-se a ungir o meu corpo para a sepultura” (Mc 14.8; *vide* Lc 23.56).

O Filho (υἱός). O vocábulo τέκνον (*criança*) é, normalmente, utilizado de forma intercambiável com υἱός (*filho*), mas jamais é aplicado a Cristo. (Para saber mais sobre τέκνον, *vide* 1Jo 3.1.) Enquanto em τέκνον normalmente esteja implícita a relação passiva ou dependente dos filhos aos seus pais, υἱός concentra o nosso pensamento na pessoa em si e não na dependência dela perante os pais. Este termo sugere individualidade em vez de descendência; ou, se expressa descendência, fazê-lo, principalmente, para trazer à luz o fato do filho ser digno do seu pai. Dessa forma, o vocábulo marca a relação filial como transmissora de privilégio, dignidade e liberdade. É o único termo apropriado para expressar a filiação de Cristo (*vide* Jo 1.18; 3.16; Rm 8.29; Cl 1.13,15). Por intermédio de Jesus, a dignidade dos filhos é conferida aos crentes, de forma que o mesmo vocábulo é adequado para designar os cristãos: os *filhos de Deus*. *Vide* Rm 8.14; 9.26; Gl 3.26; 4.5-7.

6. O rei Davi (τὸν Δαυιδ τὸν βασιλέα, “o Davi, o rei”). Os dois vocábulos são, assim, enfatizados: *o Davi* de quem Cristo, se Ele era o Messias, *devia* descer; *o rei* com quem a genealogia do Messias alcançou a dignidade real. Nesta genealogia, onde as gerações são simetricamente divididas em três grupos de quatorze, o evangelista parece conectar o último nome de cada grupo com uma época crítica da história de Israel: o primeiro, indo da origem da raça até o início da monarquia (“Davi o rei”); o segundo, do início da monarquia até o cativeiro babilônico; e o terceiro, e último, do cativeiro até a vinda de “o Cristo”. O mesmo uso enfático ou demonstrativo do artigo ocorre com o nome de José (v. 16), marcando a sua relação peculiar com Jesus, como o marido de Maria: *o José, o marido de Maria*.

18. Desposada (μνηστευθείσης). A NVI e TEB trazem a leitura: *prometida em casamento*; enquanto a BJ, *comprometida em casamento*. A ECP, TB e ARA concordam com ARC. A narrativa implica uma distinção entre noivado e casamento. A partir do momento do noivado (ou, contrato de casamento), a mulher já era tratada como se estivesse casada de fato. A união somente poderia ser dissolvida por um divórcio regular. A violação da fidelidade era considerada como adultério e passível de pena de morte (Dt 22.23-24), e os bens da mulher passavam a pertencer ao noivo, a menos que ele renunciasse expressamente a esta prerrogativa; contudo, mesmo nestes casos, ele era o seu herdeiro natural.

19. Não queria (μὴ θέλων) – **intentou** (ἐβουλήθη). Na BJ, ARA e TB, *não querendo* – *resolveu*. Estes dois vocábulos descrevem a atitude mental de José com intuito de expressar diferentes etapas do seu pensamento. Os dois termos abrem a questão de seus distintos significados no texto do Novo Testamento. Eles, de modo geral, ocorrem nas formas θέλω, este mais frequentemente, e βούλομαι,

e onde a tradução, em tantos casos feita com as mesmas palavras, não nos dá qualquer pista de diferenciação. Os verbos originais são usados de forma sinônima nos casos onde não existe qualquer distinção. Contudo, o seu emprego em certos textos revela uma diferença radical e reconhecida. A substituição é inadmissível quando a força maior da expressão exigir *θέλειν*. Por exemplo, a forma *βούλεσθαι* seria completamente inadequada em Mateus 8.3: “Quero; sê limpo”; ou em Rm 7.15.

A distinção, que é amplamente ilustrada em Homero, é substancialmente sustentada pelos autores clássicos em geral, bem como pelos textos do Novo Testamento.

Θέλειν é o vocábulo mais forte e designa um *propósito* ou *determinação*, ou ainda um *decreto*, cuja execução está, ou se acredita estar, no poder da pessoa que assim o quer. *Βούλεσθαι* exprimi *desejo*, *inclinação* ou *disposição*, caso desejemos fazer uma coisa por nós mesmos ou queiramos que outra pessoa a faça. *Θέλειν*, por conseguinte, denota a *resolução ativa*, a *vontade que impele à ação*. *Βούλεσθαι* é *ter uma mente*, um *desejo*, às vezes um pouco mais forte, já entrando no sentido de *propósito*. Isto posto, *θέλειν* indica um *impulso* da vontade, enquanto *βούλεσθαι*, uma tendência dela. *Βούλεσθαι* sempre pode ser traduzida por *θέλειν*, mas *θέλειν* nem sempre pode ser expressada por *βούλεσθαι*.

Dessa forma, Agamenon declara: “Eu não quis (*οὐκ ἔθελον*) receber a redenção pela criada (isto é, Eu *me recusei* a receber), porque *desejo* (*βούλομαι*) muitíssimo tê-la em casa”⁶. Além dele, vejamos Demóstenes: “É conveniente que *desejes* (*ἐθέλειν*) ouvir àqueles que *desejam* (*βουλομένων*) dar conselhos”⁷. Quer dizer: Está ao seu alcance determinar se ouvirá ou não aqueles que desejam lhe dar conselhos, só que o poder para fazer isto depende do seu consentimento. Novamente: “Se os deuses *quiserem* (*θέλωσι*) e você o *desejar* (*βούληθε*)”⁸.

No texto do Novo Testamento, como observamos acima, apesar de os verbos ocorrerem com frequência intercambiáveis, a mesma distinção é reconhecida. Assim em Mt 2.18: “era Raquel chorando os seus filhos e *não querendo* (*ἤθελε*) ser consolada”; ela se recusava de forma firme e obstinada. José, tendo o direito e o poder, sob aquelas (supostas) circunstâncias, para fazer de Maria um exemplo público, *resolveu* (*θέλων*) poupá-la desta exposição. Então, levantou-se a pergunta – O que José deveria fazer? *Ele pensou* a respeito, e, depois de pensar (*ἐνθυμηθέντος*), a sua mente *se inclinou* (tendência), e José *intentou* (*ἐβουλήθη*) se afastar secretamente dela.

6. Homero, *Iliada* 1.112.

7. Demóstenes, *Olynth*, 1.1.

8. *Ibid.*, 2.20. Uma análise completa do uso clássico demandaria um ensaio literário. O estudante crítico deve recorrer ao verbete *βούλεσθαι*, na obra *Synonymik der Griechischen Sprache*, de Schmidt, vol. III, p. 602. *Vide* também o verbete *θέλω*, na obra *Clavis Nov. Test.* de Grimm. A sua classificação de significados, todavia, necessita de uma minuciosa revisão.

Alguns exemplos do uso intercambiável desses vocábulos podem ser aqui encontrados. Mc 15.15: “Pilatos *querendo*” (βουλόμενος); compare com Lc 23.20: “Pilatos *querendo*” (θέλων). At 27.43: “o centurião *querendo*” (βουλόμενος); Mt 27.17: “Qual *quereis* que vos solte?” (θέλετε); *vide* versículo 21. Jo 18.39: “*Quereis*, pois, que vos solte” (βούλεσθε); Mt 14.5: “*querendo* matá-lo” (θέλων). Mc 6.48: “*queria* passar adiante deles” (ἤθελε); At 19.30: “*querendo* Paulo apresentar-se ao povo” (βουλομένου). At 18.27: “*Querendo* ele passar à Acaia” (βουλομένου). Tt 3.8: “isto quero que de veras afirmes” (βούλομαι). Mc 6.25: “*Quero* que, imediatamente, me dêis” (θέλω), etc.

No texto do Novo Testamento, θέλω ocorre nos seguintes sentidos:

1. *Decreto ou determinação da vontade*: (a) Do Senhor Deus (Mt 12.7; Rm 9.16-18; At 18.21; 1Co 4.19; 12.18; 15.38). (b) De Cristo (Mt 8.3; Jo 17.24; 5.21; 21.22). (c) Dos homens (At 25.9). Festo, tendo o poder para gratificar os judeus, e *determinado* a fazer isto, diz a Paulo, que tem o direito para decidir: “*Queres* tu subir a Jerusalém?” (At 25.9). Em Jo 6.67, quando outros discípulos decidiram abandonar o Mestre, Cristo se dirige aos doze, indagando: “*Quereis* vós também retirar-vos?” É esta a vossa *determinação*? Em Jo 7.17, lê-se: “Se alguém *quiser* fazer a vontade [de Deus], ou, *estiver determinado* a fazer a vontade de Deus”; enquanto em Jo 8.44: “*quereis* satisfazer os desejos de vosso pai”. Leia também At 24.6.

2. *Desejo*. Muitíssimas passagens citadas neste item, segundo Grimm, podem ser corretamente interpretadas como casos em que se implica algo mais forte que um desejo; notadamente em Mc 14.36, que se refere a Cristo no Getsêmani. O nosso Senhor dificilmente teria feito uso da expressão *o que tu queres* num sentido tão débil de modo a implicar somente *um desejo* da parte de Deus. Mc 10.43: “qualquer que, entre vós, *quiser* ser grande”, expressa mais do que um *desejo* por grandeza, mas um *objetivo* de vida. Em Mt 27.15, vemos que os judeus receberam a prerrogativa para decidir qual prisioneiro seria solto. Em Lc 1.62, o nome do infante João foi tido como decisão tomada por Zacarias. Em Jo 12.24, seguramente, Cristo expressa mais do que um *desejo* de que aqueles que lhe foram dados pelo Pai estejam com Ele. Em Lc 9.54, Jesus é quem deveria ordenar que o fogo descesse sobre as aldeias de Samaria, se assim o quisesse (*vide* também Jo 15.7; 1Co 4.21; Mt 16.25; 19.17; Jo 21.22; Mt 13.28; 17.12). Nesse mesmo sentido podemos citar apropriadamente 2Co 11.12; Mt 12.38; Lc 8.20; 23.8; Jo 12.21; Gl 4.20; Mt 7.12; Mc 10.35.

3. *Gosto* (Mc 12.38; Lc 20.46; Mt 27.43). *Vide* respectivas notas.

Βούλομαι ocorre com as seguintes acepções:

1. *Inclinação* ou *disposição* (At 18.27, 19.30; 25.22; 28.18; 2Co 1.15).

2. Mais acentuado, com a ideia de *objetivo* (1Tm 6.9; Tg 1.18; 3.4; 1Co 12.11; Hb 6.17).

Na maioria, senão em todos os casos mencionados, poderíamos ter expectativa do uso de θέλειν; só que neste uso de βούλομαι existe uma ênfase ampliada no elemento da *livre decisão* ou *autodeterminação*, que transmite ao *desejo* ou *inclinação* uma força *decretória*. Esta característica está na vontade humana por *dom* e *consentimento*. Na vontade divina ele é *inerente*. Neste ponto, o uso que Homero faz pode servir de termo de comparação, pois o autor emprega a palavra βούλομαι, ocasionalmente, para expressar determinação, mas somente com referência aos deuses, nos quais o *desejar* é o mesmo que o *querer*. Assim: “Se Apolo quiser (βούλεται) impedir a praga”⁹. “Apolo desejava (βούλετο) vitória aos troianos”¹⁰.

Infamar (δειγματίσαι). Na Β1, *denunciá-la publicamente*; na ΤΕΒ, *difamá-la publicamente*. O termo aqui mencionado vem do mesmo ramo de δείκνυμι, que significa *exibir, mostrar, indicar*. Neste caso, contudo, significa expor Maria à execração pública (A NVI traz: *expô-la à desonra pública*; na NTLH consta: *difamar Maria*). O termo ocorre em Cl 2.15, como referência ao Salvador vitorioso que mostra os poderes subjugados do mal, tal qual um general mostra os seus troféus, ou os seus cativos em uma parada militar triunfal. “... Os expôs publicamente”. Um composto deste mesmo vocábulo (παραδειγματίζω) aparece em Hb 6.6: “de novo crucificam o Filho de Deus e o expõem ao vitupério”.

21. Lhe porás o nome. Dessa forma, transmitindo as responsabilidades de um pai a José. O nome do Messias ainda por nascer deveria corresponder aos anseios populares. Os rabinos tinham um provérbio acerca dos seis homens que receberam nome antes de nascerem: “Isaque, Ismael, Moisés, Salomão, Josias e o nome do Messias, a quem o Santo, louvado seja o seu nome, em breve fará saber nestes nossos dias”.

Jesus (Ἰησοῦν). A forma grega de um nome hebraico, que havia designado duas pessoas ilustres da história de Israel no Antigo Testamento – Josué, o sucessor de Moisés; e Jesua, o sumo sacerdote que, em conjunto com Zorobabel, assumiu um papel ativo no restabelecimento dos sistemas civil e religioso dos judeus no retorno de Babilônia. A sua forma original e completa é *Jehoshua*, tornando-se, por contração, *Joshua* (Josué) ou *Jeshua* (Jesua). Josué, o filho de Num, é um tipo de Cristo no seu ofício de *capitão* e *libertador* do seu povo, ao considerarmos o aspecto militar da obra salvífica (Ap 19.11-16). Na revelação a Moisés, Deus assumiu um caráter de Legislador; mas na revelação a Josué, assume o de Senhor dos Exércitos (Js 5.13-14). Sob o comando de Josué, os inimigos de Israel foram conquistados e o povo estabelecido na Terra Prometida. De modo semelhante, Jesus guia o seu povo na luta contra o pecado e a tentação. Ele é o líder da fé que vence o mundo (Hb 12.2). Ao segui-lo, entramos no descanso.

9. Homero, *Iliada*, 1.67.

10. *Ibid.*, 7.21.

O ofício sacerdotal de Jesus é prenunciado no sumo sacerdote Jesua que, na visão de Zacarias (cap. 3; cp. Ed 2.2), comparece no tribunal diante de Deus, sob acusação de Satanás, vestido de trajes imundos. Josua representa não somente a si mesmo, mas assume a defesa do Israel pecador e sofredor. Satanás é derrotado. O Senhor o repreende e declara que ele remirá e restaurará o seu povo transgressor; e como sinal disso, Deus ordena que o sacerdote acusado seja vestido de roupas limpas e coroado com a mitra sacerdotal.

Assim, neste sacerdote Jesua, temos uma tipificação do nosso Grande Sumo Sacerdote, que se compadece das nossas fraquezas, e que, como nós, em tudo foi tentado. Ele confronta Satanás no deserto; discute com ele acerca das vítimas da sua malícia – os enfermos, os pecadores e os endemoninhados. As suas vestes reais são deixadas para trás. Ele não considerou “a igualdade com Deus como algo a que agarrar-se”, mas “aniquilou-se a si mesmo”, tomando a “forma de um servo”, humilhando-se a si mesmo e sendo “obediente até a morte” (Fp 2.6-7). Ele assume as roupas manchadas da nossa condição humana: “Aquele que não conheceu pecado, foi feito pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2Co 5.21), afirma Paulo. Jesus é, ao mesmo tempo, o sacerdote e a vítima. Ele intercede pelo homem pecador diante do trono de Deus, e o remirá. Cristo repreenderá toda a malícia e lançará por terra o poder de Satanás, e o verá cair “como raio do céu” (Lc 10.18). O Senhor ressuscitou para salvar e purificar os homens da sua frágil natureza, da sua vontade rebelde e das suas paixões incontáveis – pessoas covardemente arrogantes e hipócritas como Pedro, perseguidores como Saulo de Tarso, na sua fúria – e fazer deles testemunhas da sua graça e pregadores do seu amor e poder. O reino de Cristo será um reino sacerdotal, e o cântico da sua Igreja redimida será: “Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados, e nos fez reis e *sacerdotes* para Deus e seu Pai, a ele, glória e poder para todo o sempre. Amém!” (Ap 1.5b-6).

Não se trata de fantasia o reconhecimento e a prefiguração da obra profética de Jesus na economia da salvação em um terceiro nome intimamente relacionado ao primeiro. *Hoshea*, que na Bíblia conhecemos por Oseias, era o nome original de Josué (Rm 9.25) e significa “aquele que salva”. Ele é, em um sentido bem peculiar, o profeta da graça e da salvação, que coloca a sua esperança na vinda pessoal de Deus como refúgio e força da humanidade; e na purificação da vida humana pelo seu contato com o divino. A grande verdade que este profeta tem a ensinar é o amor de Jeová para com Israel, conforme expresso no seu relacionamento como *marido* – uma ideia que permeia a sua profecia, e que é gerada pela sua própria experiência pessoal com a tristeza. Oseias prefigura Jesus nas suas advertências específicas contra o pecado, nas suas repetidas ofertas da misericórdia divina e no seu amor paciente e longânimo, conforme manifesto no seu relacionamento com uma esposa infiel e dissoluta, cuja alma ele consegue resgatar do pecado e da morte (Os 1-3).

Enquanto o profeta vivesse, seria uma profecia contínua e viva acerca da ternura de Deus para com os pecadores e uma imagem do amor divino para conosco enquanto estávamos afastados dele e não tendo em nós nada digno deste seu amor. A fidelidade do mestre profético amalgama-se em Oseias, tal como em nosso Senhor, com a compaixão, solidariedade e sacrifício do sacerdote.

Ele (αὐτὸς). Enfático; corretamente posto na ARC e nas demais versões brasileiras: “porque *ele* salvará o seu povo”.

Seus pecados (ἁμαρτιῶν). Da mesma raiz que ἁμαρτάνω, *errar o alvo*; como um guerreiro que atira a sua lança e não acerta no adversário, ou como um viajante que erra o seu caminho¹¹. Portanto, por esta palavra, uma de um grande grupo que representa o pecado sob diferentes fases, o pecado é concebido como *uma falha e perda do verdadeiro fim e objetivo das nossas vidas, que é Deus*.

22. Pelo profeta (διὰ). Na ARC, *por intermédio*; na BR, *por meio*. Em citações do Antigo Testamento, os autores habitualmente utilizam a preposição διὰ (*através de, por intermédio de*) para denotar a *instrumentalidade* por meio da qual Deus opera ou fala, ao passo que reservam ὑπὸ (*por*) para expressar o agenciamento primário por parte do próprio Senhor. Portanto, aqui a profecia no versículo 23 foi falada *pelo* Senhor, mas foi comunicada *através, ou por intermédio*, do seu profeta.

23. A virgem (ἡ παρθένος). Na ECP, *uma virgem*. Observe a força demonstrativa do artigo, indicando uma pessoa especial e não simplesmente *uma virgem qualquer*.

Será chamado (καλέσουσιν). No versículo 21, encontramos *tu chamarás*. O original de Isaías (7.14) apresenta, *ela chamará*; mas Mateus generaliza o singular em plural e cita a profecia de forma a se enquadrar ao seu cumprimento final e mais abrangente: *os homens chamarão* o seu nome de Emanuel quando chegarem ao conhecimento prático de que Deus, verdadeiramente, habitará entre eles neste mundo.

Emanuel (no hebraico, *Deus é conosco*). Para proteger e salvar. Podemos encontrar um comentário em Is 8.10: “Tomai juntamente conselho, e ele será dissipado; dizei a palavra, e ela não subsistirá, porque Deus é conosco”. Algumas pessoas supõem que Isaías incorporou o teor da sua mensagem aos nomes dos seus filhos: *Maher-shalal-hash-baz* (*pilhagem rápida*), um alerta acerca da vinda dos selvagens assírios; *Shear-Jashub* (*um remanescente retornará*), um lembrete da misericórdia de Deus para com Israel no cativeiro e *Immanuel* (*Deus é conosco*), uma promessa da presença e do socorro divino. Contudo, pode ser que a promessa do nome seja cumprida em Jesus (cp. Mt 28.20: “eis que eu estou convosco todos os dias, até à

11. Vide Homero, *Iliada*, 9.501; Sófocles, *Édipo Tirano*, 621.

consumação dos séculos”) por meio da sua companhia proveitosa e salvífica com o seu povo na angústia, no conflito com o pecado e na sua luta com a morte.

24. Do sonho (τοῦ ὕπνου). A força do artigo definido; o sonho em que José teve a visão. Por isso, a BJ, ARA e TB traduzem, *do sono*.

CAPÍTULO 2

1. Belém. No hebraico, *Casa de Pão*, provavelmente em função da sua fertilidade. O local de nascimento daquele que se autodenomina *o Pão da Vida* (Jo 6.35). Belém é identificada com a história de Rute, uma das antepassadas terrenas de Jesus e esposa de Boaz. Ela tornou-se ascendente de Davi (1.5-6), que nasceu e foi ungido rei por Samuel nesta cidade (cp. Lc 2.11, *cidade de Davi*).

Magos (μάγοι). A NTLH traduz por *homens que estudavam as estrelas*; enquanto WYCLIFFE verte esta palavra como *reis*. Uma casta sacerdotal entre os persas e medos, que se ocupava, principalmente, dos segredos da natureza, da astrologia e da medicina. Daniel se tornou o líder desta ordem em Babilônia (Dn 2.48). O vocábulo foi transferido, sem distinção de nacionalidade, a todos os homens que se dedicavam às ciências que, por outro lado, eram, normalmente, acompanhadas de práticas de magia e ilusionismo. O termo, com o sentido de *mágico*, foi acomodado a muitas línguas da Europa. Variiegadas tradições absurdas e palpites acerca destes visitantes à manjedoura do nosso Senhor acabaram encontrando lugar nas credices populares, bem como na arte cristã. Segundo estas crenças, os visitantes seriam reis, e três em número; representantes das famílias de Sem, Cam e Jafé e, um deles, é representado como um etíope. Os seus nomes são tidos como Gaspar, Baltazar e Melquior e, segundo a lenda, os seus crânios teriam sido descobertos no século XII pelo bispo Reinaldo de Colônia e estão expostos em um esquife caríssimo na grandiosa catedral daquela cidade.

2. O Oriente (ἀνατολή). Literalmente: *o nascente, o levantar*. Alguns comentaristas preferem traduzir como *no seu nascente*, ou *quando se ergueu*. Na ARA, em Lc 1.78, este termo é traduzido como *sol nascente*. O verbo correspondente ocorre em Mt 6.16: “a luz *raiou*” (ἀνέτειλεν).

4. Todos os príncipes dos sacerdotes. A nossa expectativa seria de que somente um líder dentre os sacerdotes fosse mencionado, contudo, este posto havia se transformado em algo lucrativo e, de modo geral, eram feitas substituições. Um rabino é citado como tendo declarado que o primeiro Templo, que permaneceu de pé por volta de quatrocentos e dez anos, teve somente

dezoito sumos sacerdotes, do primeiro ao último; ao passo que o segundo, que existiu por cerca quatrocentos e vinte anos, teve mais de trezentos sacerdotes. A referência feita nesta perícopa não é a uma reunião do Sinédrio, já que os anciãos, que não são aqui mencionados, pertenciam a este último grupo, mas a uma convocação extraordinária de todos os sumos sacerdotes e sábios. Além do sumo sacerdote empossado, poderia haver outros que teriam sido os seus antecessores e que continuavam a levar este nome e, em parte, a dignidade daquele cargo. A expressão também poderia incluir os líderes das vinte e quatro ordens de sacerdotes.

6. Terra de Judá. Para distinguir esta cidade da Belém que fica no território de Zebulom.

Que há de apascentar (ποιμανεῖ), oriundo de ποιμήν, *pastor*. A ECP traduz ποιμανεῖ por *governará*, enquanto a TB por *pastorear*. O termo envolve o cargo completo de um pastor – guiar, guardar, recolher em aprisco, bem como dar alimento. Portanto, um vocábulo apropriado e de modo geral aplicado para designar os guias e guardiães de outras pessoas. Homero chama aos reis de “pastores do povo”. O povo dizia a Davi: “o SENHOR te disse: Tu *apascentarás* o meu povo de Israel” (2Sm 5.2; cp. Sl 78.70-72). Deus é, com frequência, chamado de pastor (Gn 48.15; Sl 23.1; 77.20; 80.1; Is 40.11; Ez 34.11-31). Jesus se autodenomina *o bom pastor* (Jo 10.11). Pedro, que é incumbido por Jesus de *apascentar* as suas ovelhas (Jo 21.16, ποιμαίνε), chama-o de *Pastor das Almas* (1Pe 2.25), e de *Sumo Pastor* (1Pe 5.4); e na epístola aos Hebreus (13.20), ele é apresentado como o *grande Pastor das ovelhas*. Em Ap 2.27, *reger* é, literalmente, *apascentar* (cp. 19.15); só que Cristo *apascentará* os inimigos, não com o cajado de pastor, mas com uma vara de ferro. Por fim, Jesus perpetuará o seu nome e ofício nos céus entre os remidos, “porque o *Cordeiro* que está no meio do trono *os apascentará*” (Ap 7.17). Neste versículo, a palavra *regente* está em harmonia com a ideia de pastoreio, já que o termo ἡγούμενος originalmente significa *aquele que vai adiante*, ou *abre caminho*, e sugere as palavras de Cristo acerca do bom pastor em Jo 10.3b-4: “... e chama pelo nome às suas ovelhas e as traz para fora. E, quando tira para fora as suas ovelhas, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem”.

7. Inquiriu exatamente (ἠκρίβωσεν). Melhor traduzido como *aprendeu precisamente*. O verbo é formado pela partícula ἄκρος, *na ponta* ou *extremidade*. A ideia é, ele *esgotou a sua busca*, ou *investigou até a última informação possível*; com ênfase maior na exatidão da informação do que na diligência da sua pesquisa. Compare com o versículo 8: “perguntai *diligentemente*” (ἄκριβῶς), traduzido corretamente pela ARC.

Do tempo em que a estrela lhes aparecera (τὸν χρόνον τοῦ φαινομένου ἄστéρος). Literalmente: *o tempo da estrela que surge*. Herodes pergunta: *A quanto a estrela se faz visível desde o seu surgimento no Oriente?* E não: *A que horas ela apareceu?*

12. Sendo por divina revelação **avisados** (χρηματισθέντες). O verbo significa *dar uma resposta a alguém que lhe pergunta ou lhe consulta*: por isso, na voz passiva, como aqui, *ser respondido*, ou *receber uma resposta*. Logo, o termo implica que os magos haviam pedido o conselho de Deus; razão pela qual WYCLIFFE traduz a expressão como: “E a resposta foi recebida durante o sono”.

16. Os meninos (τοὺς παῖδας). Os bebês do sexo masculino, conforme indicado pela forma masculina do artigo.

23. Os profetas. Observe o plural não como indicativo de qualquer predição específica, mas como um resumo da importância das várias afirmações proféticas, tais como: Sl 22.6-8; 69.11-19; Is 53.2-4.

Nazareno. Um termo controvertido (Jo 1.46, e 7.52). O próprio nome de Nazaré sugere insignificância. No hebraico, o vocábulo significava *broto* ou *reberto*. O nome é profeticamente dado ao Messias (Is 11.1). Em Is 10.33-34, o destino da Assíria é descrito em termos da perda das folhas de uma mata de cedros. A figura da árvore tem sua continuidade na abertura do capítulo 11, como uma referência ao estado judeu. O cedro não produz fruto aprazível, já o carvalho é uma árvore que “depois de se desfolharem, ainda ficam firmes” (Is 6.13; cp. Jó 14.9). Logo, há um futuro para Israel, representado pelo carvalho. “Porque brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um renovo frutificará” (Is 11.1). Assim como Davi surgiu de uma família humilde, a de Jessé, também o Messias, o segundo Davi, surgirá de uma grande humilhação. O fato de Jesus ter sido criado em Nazaré era motivo suficiente para que Ele fosse objeto de falta de apreço. Ele não representava um ramo altivo da copa da árvore da realeza; tampouco era um filho reconhecido e honrado da casa de Davi, a qual já havia caído na obscuridade; mas um *reberto* insignificante das raízes de Jessé; um nazareno, de uma cidadezinha tão pequenina quanto um broto recém surgido.

CAPÍTULO 3

1. Naqueles dias. Esta expressão é indefinida, mas sempre indica a existência de uma data que a antecedeu; neste caso, a data do estabelecimento da família de Jesus em Nazaré. “Naqueles dias”, *isto é*, em alguma época durante os quase trinta anos desde o seu estabelecimento.

Apareceu (παράγινεται). Verbo empregado no tempo conhecido como *presente histórico*, o qual confere vida à narrativa, como o fez Carlyle: “Mas agora também

VINCENT

ESTUDO NO VOCABULÁRIO
GREGO DO NOVO TESTAMENTO

VOLUME

I

Em 1863, Marvin R. Vincent publicou a tradução de *Gnomon of the New Testament*, uma das principais obras de Bengel no campo da exegese do Novo Testamento. Desse trabalho, surgiu o impulso necessário para a produção de um comentário léxico-gramatical do Novo Testamento, seguindo a mesma linha de pesquisa e método. Trata-se de *Estudo no Vocabulário Grego do Novo Testamento (Word Studies in the New Testament)*, publicado a partir de 1886. Em seu estudo do vocabulário neotestamentário, Vincent propõe-se demonstrar a força e o valor original das palavras gregas, segundo seus significados lexicais, etimologia, história, flexões, com as particularidades de seu emprego pelos escritores sagrados.

A obra de Vincent diferencia-se pela abordagem do texto grego a partir de suas palavras e expressões, antes de sua análise como componentes de construções linguísticas mais amplas. Esse trabalho específico com as palavras visa a encaminhar o estudante à compreensão mais completa dos textos, ultrapassando as dificuldades e limitações impostas pelo processo de tradução formal. Também inclui uma tarefa prévia de comparação e seleção dos melhores textos. Ao explorar os potenciais das palavras, individualmente e nas sentenças, Vincent determina com maior rigor os possíveis sentidos dos textos e sugere leituras melhores e mais próximas dos originais. Por essas razões, esta obra constitui uma verdadeira introdução à crítica bíblica textual.

MARVIN R. VINCENT (1834-1922), doutor em teologia pelo Union Theological Seminary (Nova York), teve carreira eclesiástica e magisterial. Liderou igrejas no Brooklyn e em Troy. Foi professor de latim na Troy University (Nova York), e deteve a cadeira Baldwin de literatura sagrada e exegese do Novo Testamento no Union Theological Seminary (Nova York). Além de seu *Estudo no Vocabulário Grego do Novo Testamento*, ele escreveu, nessa mesma área: *Student's New Testament Handbook* (1893), *That Monster, the Higher Critic* (1894), *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles to the Philippians and to Philemon* (1897), *History of the Textual Criticism of the New Testament* (1899).

ISBN 852630250-7



9788526302501